

A PRESERVAÇÃO DA DIVERSIDADE CULTURAL DIANTE DOS AVANÇOS DO FENÔMENO DA GLOBALIZAÇÃO

CULTURAL DIVERSITY PRESERVATION IN THE FACE OF THE ADVANCING GLOBALIZATION PHENOMENON

LA PRESERVACIÓN DE LA DIVERSIDAD CULTURAL ANTE LOS ADELANTOS DEL FENÓMENO DE GLOBALIZACIÓN

Alcemar Rodrigues Martello¹
Maria Emília Rodrigues²

Resumo

O fenômeno globalização permitiu aproximação entre pessoas de diferentes países e regiões. Tal favorecimento de trocas culturais em diferentes níveis desenvolve processos de endoculturação, etnocentrismo e xenofobia que podem levar a movimentos de preservação cultural nacionalistas e extremistas. Neste sentido, a proposta deste estudo é analisar os efeitos da globalização sobre a diversidade cultural e o surgimento de movimentos de preservação cultural. A metodologia deste estudo recorre à abordagem qualitativa bibliográfica. A busca englobou livros, artigos científicos e anais de congressos a partir de seleção aleatória sobre os temas globalização, diversidade cultural e grupos de tradições culturais. A análise evidenciou a forte influência da globalização sobre as culturas locais e revela marcas de um processo de hibridização que produziu novas identidades globais e/ou locais. A cultura local de um grupo organizado não exclui a noção de globalidade da cultura humana, o que resulta em hibridação, coexistência ou mesmo em um processo xenofóbico promovido por grupo majoritário. Isto envolve consolidação de uma identidade que impõe barreiras à propagação da globalização hegemônica, como resistência à homogeneização e proteção à diversidade cultural.

Palavras-chave: multiculturalismo; cultura; globalização; identidade.

Abstract

The phenomenon of globalization has allowed people from different countries and regions to come together. Such favoring of cultural exchanges at different levels develops processes of endoculturation, ethnocentrism, and xenophobia that can lead to nationalistic and extremist cultural preservation movements. In this sense, the purpose of this study is to analyze the effects of globalization on cultural diversity and the emergence of cultural preservation movements. The methodology of this study uses a qualitative bibliographical approach. The search encompassed books, scientific articles, and conference proceedings from a random selection on the themes of globalization, cultural diversity, and groups of cultural traditions. The analysis showed the strong influence of globalization on local cultures and reveals the marks of a hybridization process that has produced new global and/or local identities. The local culture of an organized group does not exclude the notion of globality of human culture, resulting in hybridization, coexistence, or even a xenophobic process promoted by a majority group. This involves consolidation of an identity that imposes barriers to the spread of hegemonic globalization, as resistance to homogenization and protection of cultural diversity.

Keywords: multiculturalism; culture; globalization; identity.

Resumen

El fenómeno globalización permitió el acercamiento entre personas de diferentes países y regiones. Esta facilidad de intercambios culturales, en diferentes niveles, desarrolla procesos de endoculturación, etnocentrismo y xenofobia, que pueden llevar a movimientos de preservación cultural nacionalistas y extremistas. En ese sentido, la propuesta de este estudio es analizar los efectos de la globalización sobre la diversidad cultural y el surgimiento

¹ Bacharelado em Sociologia no Centro Universitário Internacional Uninter. E-mail: amartello@hotmail.com.

² Professora do Centro Universitário Internacional Uninter. E-mail: maria.rod@uninter.com.

de movimientos de preservación cultural. La metodología de este estudio es de orden cualitativo bibliográfico. La revisión se hizo en libros, artículos científicos y memorias de congresos, a partir de selección aleatoria sobre los temas globalización, diversidad cultural y grupos de tradiciones culturales. El análisis puso en evidencia la fuerte influencia de la globalización sobre las culturas locales y revela marcas de un proceso de hibridación que produjo nuevas identidades globales y/o locales. La cultura local de un grupo organizado no excluye la noción de globalidad de la cultura humana, lo que resulta en hibridación, coexistencia o aun en un proceso xenofóbico producido por un grupo mayoritario. Ello implica consolidación de una identidad que imponga barreras a la propagación de la globalización hegemónica, como resistencia a la homogenización y protección a la diversidad cultural.

Palabras-clave: multiculturalismo; cultura; globalización; identidad.

1 Introdução

O multiculturalismo ou pluralismo cultural, enquanto movimento social, invoca a adoção de vários outros conceitos para sua definição, tais como a coexistência de muitas culturas em uma região, uma cidade ou um país. Esse movimento promove reivindicações para evitar as formas diversas de opressão, exclusão e dominação por mudanças na dinâmica social ou por conta da globalização.

O processo mundial da globalização influencia as formas de organização e dinamização das forças produtivas e das relações de produção, como a acumulação, o mercantilismo, o colonialismo, o imperialismo, a interdependência, o transnacionalismo e o globalismo. Embora um conceito amplo, a literatura atual apresenta consenso ao considerar dois pontos principais: a racionalização e a monetarização das relações sociais, acarretando sérias implicações às culturas.

O fenômeno da globalização permitiu aproximação entre pessoas de diferentes países e regiões do planeta, de modo que um dos seus efeitos observáveis é a facilidade de acesso a culturas distintas. Ao favorecer trocas culturais em diferentes níveis, a globalização desenvolve processos de endoculturação, etnocentrismo e xenofobia. Esses processos podem levar a movimentos de preservação da cultura e nacionalistas de cunho extremista. Neste sentido, a proposta deste estudo é analisar os efeitos da globalização sobre a diversidade cultural e o surgimento de movimentos de preservação cultural.

Para alcançar esse entendimento, abordam-se três aspectos necessários e interligados para discutir a influência da globalização sobre as culturas. No primeiro aspecto, sobre a globalização, apresentam-se diferentes abordagens teóricas em relação ao fenômeno, bem como os efeitos sobre o multiculturalismo e a diversidade cultural. No segundo aspecto, aborda-se o multiculturalismo como movimento de manifestação e preservação das culturas locais diante das mudanças sociais globais. Por fim, no terceiro aspecto, discute-se a questão da identidade e a busca pela sua (re)afirmação através dos movimentos de resistência cultural locais.

2 Metodologia

A metodologia do presente estudo fundamenta-se em uma abordagem qualitativa, pois, prioriza-se o processo da pesquisa e não simplesmente os resultados (LÜDKE; ANDRÉ, 1986), utilizando-se, principalmente, livros e artigos científicos. A principal vantagem da pesquisa bibliográfica é colocar o pesquisador em contato com a produção sobre determinado assunto e permitir investigar a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente (LAKATOS; MARCONI, 1996; GIL, 2008).

Buscaram-se leituras acerca do tema em questão para coletar o máximo de informações possíveis. A coleta de dados englobou livros, artigos científicos e anais de congressos selecionados aleatoriamente a partir dos temas globalização, diversidade cultural e grupos de tradições culturais.

3 Globalização

Para Valle (2017, p. 315), a “globalização, em geral, se refere ao processo de integração cultural, social, espacial e econômica de estruturas que, em tempos anteriores, restringiam-se a contextos locais e nacionais”. Tal processo é antigo, procede das grandes navegações e dos descobrimentos e se desenvolveu a partir da Revolução Industrial (LÓPEZ; CUNHA; ARRUDA, 2012). Como campo de estudo, o tema foi ignorado por um longo tempo, mas é atualmente estudado e analisado por muitos pesquisadores em variadas áreas.

Segundo Melo (2008), a globalização não é um fenômeno, apenas se intensificou recentemente, sobretudo, a partir das últimas duas décadas do século 20, especialmente por conta do relativismo em relação à concepção de espaço e tempo. Os avanços e as inovações tecnológicas na área da informática e das telecomunicações permitem a visualização simultânea de eventos que ocorrem no mundo, e confundem a percepção do real e do virtual.

Os processos de globalização e modernização que se desenvolvem simultânea e reciprocamente pelo mundo produzem desigualdade, desencadeiam processos desconhecidos, tais como integração/homogeneização e fragmentação/contradição (IANNI, 2001). Isto ocorre em razão do encontro de outros modos de vida e trabalho, outras culturas. Em escala local, pode haver o reavivamento de organizações tribais, nacionais ou regionais, ou o desenvolvimento inesperado de movimentos de ocidentalidade, capitalismo e racionalidade.

Silva (2010, p. 21) explica que “a globalização promove o encolhimento do mundo tornando as difusões culturais, inevitáveis”. Isto ocorre principalmente por três motivos: i) porque as distâncias se encurtam; ii) a tecnologia se apressa e os iii) reflexos das ações se tornam

praticamente simultâneos. A globalização é uma força motriz que instiga a homogeneidade de atitudes, valores e hábitos. Tal homogeneização intensifica o aumento da pobreza, a falta de segurança, a fragmentação da sociedade e promove violação dos direitos humanos.

Instituições financeiras e corporações transnacionais exaltam um discurso sedutor sobre a globalização com a idéia do advento da nova era. A imagem da globalização apresentada pela mídia produz no senso comum o sonho de uma humanidade não dividida entre Oriente e Ocidente, Norte e Sul, ricos e pobres. Portanto, entende-se que a história, outrora repleta de conflitos, segue em direção a um fim harmonioso, o que, para Coronil (2005), é a promoção da crença em um processo progressivo de integração planetária.

Embora a globalização promova, intencionalmente ou não, a homogeneização das culturas, o mundo continua povoado por múltiplas e distintas formas culturais, linguísticas, religiosas, em diferentes tradições, visões de mundo, trabalho, etc. Contudo, ao longo do tempo, tudo se modifica. A própria história da globalização do capitalismo demonstra a ocorrência de mudanças desde sua origem até o momento atual, através de tensões, anulações, mutilações, recriações ou transfigurações (IANNI, 2001).

Percebe-se que os discursos dominantes da globalização oferecem a ilusão de um mundo homogêneo que avança constantemente em direção ao progresso. Entretanto, ao entender como ocorre o processo de globalização, nota-se a intensificação das divisões da humanidade, o aceleramento da destruição da natureza e a homogeneização/extinção de culturas.

3.1 Multiculturalismo e Diversidade Cultural

A sociedade global se desenvolve simultaneamente à globalização do capitalismo. O modo de produção e o processo civilizatório constituem as condições e as possibilidades de contratos sociais, de formas de cidadania e de estruturas de poder com alcance global. Nas relações e nos processos característicos da globalização se formam as estruturas do poder econômico e político. Para Ianni (2001), os discursos da globalização são múltiplos, problemáticos e contraditórios, compreendendo integração e fragmentação, nacionalismo e regionalismo, racismo e fundamentalismo, geoeconomia e geopolítica.

Em contraponto a globalização, o multiculturalismo — movimento originado nos Estados Unidos no século 19 — combate à discriminação racial e surge como ferramenta, assimilada por universidades e movimentos sociais, contra a opressão sofrida por minorias. Tais instituições começaram a lutar pela conquista de espaço nas políticas públicas de reconhecimento social (HAONAT; COSTA, 2020).

Para Santos (2003), existe uma ambiguidade na relação entre multiculturalismo e globalização, pois, envolve conjuntos diferenciados de relações sociais. Com a existência dessas relações sociais, a globalização gera conflitos, isto resulta em povos ou culturas vencedoras e vencidas, dominantes e dominadas.

Dessa forma, o multiculturalismo, a globalização e o capitalismo estão relacionados. López, Cunha e Arruda (2012) observam que o capitalismo enseja à globalização, e esta influencia às políticas multiculturais, porém, negativamente, ao produzir classes dominantes que oprimem grupos menos favorecidos

Silva (2010) relaciona a tríade globalização/identidade cultural/diversidade cultural com os efeitos sobre as relações humanas na atualidade, isto é, a interação entre a cultura local tradicional, e a cultura global imposta, e seus reflexos nas culturas dos povos. Percebe-se que a homogeneização de culturas afeta o mundo todo, apesar de algumas partes absorverem muito mais o fenômeno da globalização do que outras — como acontece com o Ocidente.

Para Haonat e Costa (2020), a reflexão sobre o modo como se lida com as diferenças étnicas, culturais, de gênero e religiosas nas sociedades atuais resulta da diversidade cultural ocasionada por: a) formas de colonização que levaram povos de diferentes crenças a conviverem em um mesmo território; b) globalização que espalhou pelo mundo correntes migratórias impulsionadas por fatores econômicos.

Hall (1998) afirma que a época atual estaria marcada pela fragmentação, descentração e pelo deslocamento das identidades. Essa mudança estrutural romperia com a idéia de uma “identidade” pessoal, social ou cultural, através da fragmentação dos sujeitos e das culturas, bem como pela superação dos conceitos de nacionalidade, raça, classe, gênero, sexualidade. Para o mesmo autor, o mundo moderno/pós-moderno é marcado por três concepções diferentes de identidade: i) a iluminista, centrada no indivíduo; ii) a sociológica, centrada na relação sujeito/cultura; iii) a pós-moderna, centrada na mudança e fragmentação do indivíduo e da sociedade. Isto sugere ausência de identidade fixa, pois, o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos.

Como afirma Pereira Filho (2006), aceitar o multiculturalismo de qualquer outra sociedade ou grupo social, afastando-se da preocupação em buscar unitarismo étnico-cultural, aproxima da percepção da diversidade, da multiplicidade e da interconectividade (espontânea ou não). O multiculturalismo tem diversas formas de expressão e uma complexidade de explicações. Haonat e Costa (2020) afirmam que a sociedade deve se preparar para promover diálogo entre culturas e suplantando extremismos para respeitar à existência do “outro”.

Nessa linha de argumentação, todas as culturas deveriam ser reconhecidas para, assim, não violar o autorrespeito de seus membros. Entretanto, isto implica que duas coisas possíveis não podem ser possíveis juntas. Loewe (2011) explica que a existência de uma descarta a da outra, ou a impossibilita. Segundo o mesmo autor, se não há como medir os valores que as diferentes culturas assumem, como sustentam muitos defensores do multiculturalismo, isto implica a impossibilidade de uma cultura ser melhor que outra, ou terem idêntico valor. Por outro lado, ao afirmar que todas as culturas encarnam diferentes valores, não se deve esperar que sejam igualmente reconhecidos.

Para Agier (2001), os sentimentos de perda de identidade são compensados pela procura ou criação de novos contextos e novas retóricas identitárias. Híbrida ou mestiça, como se diz agora, a cultura encontra-se assim mais dominada que nunca pela problemática da identidade, cada vez mais enunciada como “identidade cultural”.

A preocupação atual com a expansão da globalização é da perda da diversidade cultural. A alternativa para evitar uma diversidade externa empobrecida é os diferentes grupos sociais estimularem a preservação da diversidade local, focando em suas especificidades culturais.

3.2 A problemática da identidade cultural

Os processos tecnológicos e econômicos de avanço do capitalismo promovem mudanças sociais drásticas, acentuam o desenvolvimento desigual. Simultaneamente, atividades criminosas e organizações também se tornaram globais através de um novo sistema de comunicação que utiliza língua digital. Ao promover choque entre culturas globais e locais, a globalização intensifica conflitos, violências étnicas e religiosas. O embate entre a resistência das identidades “nacionais” e a hegemonia globalizante produz “identidades híbridas”, resultantes da interação entre povos, grupos sociais e sujeitos/indivíduos (SILVA, 2010).

Os indivíduos, em geral, têm profunda ligação com o meio em que foram socializados: herdam conhecimentos e experiências, adquiridos e transmitidos em um longo processo cumulativo por gerações, e agem conforme seus padrões culturais. Tal processo de transmissão condiciona as visões de mundo do indivíduo/grupo e aproxima daqueles identificados com os mesmos referenciais, ou afasta de grupos com os quais não há afinidade.

Quando o grupo ao qual se pertence é entendido como centro de tudo e o “outro” é visto negativamente, isto configura etnocentrismo (ZUCON; BRAGA, 2013). O etnocentrismo coloca a visão de mundo do indivíduo como perspectiva para julgar e enxergar as demais

culturas. Ao considerar sua cultura um ponto central e “melhor”, menospreza outras culturas ou minorias, cria conflitos e distanciamento entre pessoas, grupos e classes sociais.

Para Bourdieu (1989), o processo de construção de identidade estipula diferenças e as regionaliza. Isto destaca o caráter construído da identidade, advindo principalmente do processo político de reivindicação de interesses de um grupo, cujo sentimento de pertença se constitui durante esse exercício. Santos, Pinto e Barcellos (2018) percebem que as identidades se refazem continuamente, alteram-se ao encontrar o diferente, isto é, os paradoxos e mal-estares decorrentes dessa diversidade de referências identitárias. Para Haonat e Costa (2020, p. 53),

o processo de globalização conduz a homogeneização das características culturais através da imposição de comportamentos pelos grupos dominantes, o que dissemina e oficializa a intolerância e o desrespeito a identidade e cultura do outro.

Assim como o global acontece localmente, as manifestações locais contra-hegemônica também precisam ocorrer globalmente. Entretanto, essas manifestações devem suscitar preservação das culturas locais, e não nacionalismo exacerbado. À medida que as identidades se tornam mais específicas, a fragmentação social surge conflituosa e promove hostilidade, alienação entre grupos sociais e indivíduos que passam a considerar o outro uma ameaça.

A busca por identidade, individual ou coletiva, é fonte primária do significado social desde os primórdios das sociedades. Tal significado histórico se perpetua através de expressões culturais do que as pessoas são ou acreditam ser. Agier (2001) afirma que essas estratégias suscitam o surgimento local de reivindicações sociais em uma linguagem de tipo étnico, e, conseqüentemente, favorecem retorno reflexivo sobre a cultura e a ancestralidade. De fato, as primeiras atitudes de afirmação de uma identidade nacional costumam ser identificadas com os movimentos em busca de autonomia política.

Segundo Maciel (2005), no processo de construção de identidades sociais, determinados elementos culturais são escolhidos para representar o grupo. Aqueles percebidos como “mais característicos” (próprios de), tornam-se emblemáticos. Em geral, tais elementos de modos de vida remontam aos esforços de sobrevivência antepassados, ou seja, à tradição. Entretanto, o uso do termo tradição requer cautela, quando implica percepção ilusória de uma sociedade tradicional pura, autêntica, cuja identidade não se contaminou pela modernidade.

Para Gonçalves (2015), os patrimônios, materiais ou imateriais, expressam ou representam a “identidade” de grupos e segmentos sociais, como culinária, atividades festivas, artesanato ou música. Essas manifestações podem ser identificadas como “patrimônio cultural” quando reconhecidas por um grupo, conectadas aos fenômenos característicos das comunidades

em que ocorrem, diretamente identificadas com seus participantes. A defesa e a preservação pelo reconhecimento público desse patrimônio significam lutar pela própria existência e permanência social e cultural do grupo.

Esses argumentos apresentam convergências entre o conceito de identidade e o de cultura, e em relação à elaboração de uma identidade cultural. A compreensão desses conceitos implica definição do processo de identificação cultural, pois, engloba a relação do indivíduo com determinada cultura, e da cultura que influencia esse indivíduo, no processo de elaboração dessa identidade cultural, concretizada através da cultura (FREITAS JUNIOR; PERUCELLI, 2019). Embora não haja sociedade sem cultura própria, não se pode pensar cultura como reprodução idêntica de um conjunto de hábitos imutáveis; por seu dinamismo, e através do contato com o “outro”, as culturas adaptam suas referências para integrar-se a processos de mudança.

Vários movimentos sociais de preservação da cultura espalhados pelo Brasil surgem com um sentimento de pertença a uma comunidade e de preservação de vínculos locais, tais como a dança do Fandango no Paraná (PINTO, 1992), a reafricanização do candomblé no Brasil (MELO, 2008), o ofício das baianas de Acarajé (IPHAN, 2004), entre outros.

Outro exemplo, embora difuso, o gauchismo — as manifestações e práticas culturais relacionadas ao gaúcho — tem um núcleo hegemônico, o Tradicionalismo. Este movimento está organizado em Centros de Tradições Gaúchas — CTGs (ou associações semelhantes com outras denominações), congregadas em uma grande federação, o Movimento Tradicionalista Gaúcho — MTG. Para Maciel (2005), não se pode reduzir o Gauchismo ao Tradicionalismo, porém, é inegável o poder de imposição do segundo sobre o primeiro.

Bauman (2005) apresenta a identidade como ideia ambígua. De um lado, expressa o imaginário social de indivíduos ou comunidades; de outro, um grupo que necessita voltar-se para um grupo maior que pretende devorá-lo ou destruí-lo, induzi-lo a render-se a um ego coletivo. Desta forma, Silva (2012) reforça que identidade e diferença integram uma relação social, sujeita a vetores de forças e relações de poder impostas, cuja convivência gera mais alterações que harmonia. Isto ocorre porque afirmar identidade e enunciar diferença traduz o desejo de muitos grupos sociais de garantir acesso privilegiado a bens sociais e lugares.

Nas percepções de identidade apresentadas por Maciel (2005), os primeiros espaços de sociabilização e o contexto histórico-cultural de uma sociedade específica concorrem para construção da identidade de um indivíduo. Este, contudo, depara diferentes identidades, espaços de convivência e culturas durante o processo relacional (indivíduo/sociedade ou indivíduo/cultura), além de diversas formas de lutas que propiciam remodelação de sua

constituição identitária. Na busca por referenciais fixos, Barreto (2009) diz que “o indivíduo tende a buscar a consolidação de sua identidade a partir de elementos locais, compartilhados pelo grupo, e que ao mesmo tempo, marquem a singularidade daquele perante outros grupos” (BARRETO, 2009, p. 11).

Os movimentos sociais tendem a ser fragmentados, locais, com objetivo único e específico, de formação da identidade do indivíduo através do convívio e das experiências sociais, ocorrendo reconhecimento ou não com o “outro”. Em busca de reconhecimento identitário, Castells (1999, p. 41) diz que “as pessoas tendem a se reagrupar-se em torno de identidades primárias: religiosas, étnicas, territoriais, nacionais”. Em contrapartida, a reação das comunidades ao fenômeno da globalização tem, segundo Ferreira (2005), em muitos lugares do mundo, desencadeado movimentos de proteção e revivalismo da parte de culturas locais, e, conseqüentemente, de afirmação de identidades regionais e locais com nacionalismo extremista.

Os movimentos de preservação cultural encontram a possibilidade de estabelecer um processo de resistência para reconhecimento da identidade de determinado grupo social desvalorizado ou estigmatizado pela lógica de dominação. Os processos de resistência cultural fundamentados na cultura popular são preservados pela memória coletiva e constituem fontes específicas de identificação. Tais identificações consistem de reações contra as condições impostas por transformações globais, por processos de colonização e de racionalização engendrados pela modernidade (SANTOS, 2008).

Esses movimentos contrários à homogeneização cultural e a identidade global buscam consolidar uma identidade nacional. Entretanto, esta resistência também produz reações xenófobas e movimentos nacionalistas àquilo que se contrapõe ao local, com desdobramentos fundamentalistas religiosos, ações terroristas, etc.

Percebe-se que os movimentos culturais são de extrema importância para preservação da identidade e da cultura locais diante da homogeneização cultural global. A identidade nacional tem uma história e um passado em comum que convocam a uma consciência coletiva para preservação através de grupos de resistência. Tal resistência, porém, pode induzir à constituição de grupos fundamentalistas, etnocêntricos e xenofóbicos que, através da alteridade, tentam impor e manter uma identidade cultural única e excluir outros modos de vida, de expressões culturais não condizentes.

4 Considerações finais

A globalização gera mudanças políticas, econômicas e culturais. O processo de construção da identidade cultural local se torna muito mais complexo quando adicionadas as noções de cultural e local. Esse processo influencia fortemente as identidades e culturas locais, revela marcas de um processo de hibridização, produz novas identidades ou reforça as existentes, e promovendo coexistência, ou xenofobia da parte do grupo dito majoritário.

Com isto, o multiculturalismo crítico ou emancipatório, ao buscar reconhecer os direitos dos grupos minoritários e impor barreiras à propagação da globalização hegemônica, surge como forma de resistência à homogeneidade cultural, e de proteção à diversidade cultural.

Entende-se que todas essas questões demonstram a importância das tradições culturais para produção de movimentos de resistência à homogeneização, bem como que a afirmação das identidades locais pode ocasionar conflitos de tensão e oposição cultural ao “outro”. Neste sentido, a partir do entendimento do viés de homogeneização cultural da globalização, principalmente segundo padrões culturais ocidentais, estudos que analisem o relativismo cultural e a endoculturação dos movimentos identitários são necessários.

Referências

AGIER, M. Distúrbios identitários em tempos de globalização. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 7-33, 2001. DOI <https://doi.org/10.1590/S0104-93132001000200001>

BARRETO, R. S. N. A identidade nacional na era da globalização. **Cadernos de Relações Internacionais**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 1-16, 2009. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/13551/13551.PDF>. Acesso em: 29 out. 2021.

BAUMAN, Z. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1989.

CASTELLS, M. **A era da informação: Economia, sociedade e cultura**. A sociedade em rede. 8. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999. v. 1.

CORONIL, F. Natureza do pós-colonialismo: do eurocentrismo ao globocentrismo. In: LANDER, E. (org.). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais — perspectivas latinoamericanas. Buenos Aires: Colección Sur Sur, CLACSO, 2005.

FERREIRA, F. **O local em educação**: Animação, gestão e parceria. Lisboa: Fundação Calouste, 2005.

FREITAS JUNIOR, M. A.; PERUCELLI, T. Cultura e identidade: compreendendo o processo de construção/desconstrução do conceito de identidade cultural. **Cadernos de estudos culturais**, Campo Grande, v. 2, p. 111-133, jul./dez. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/cadec/article/view/9712>. Acesso em: 29 out. 2021.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.

GONÇALVES, J. R. S. O mal-estar no patrimônio: identidade, tempo e destruição. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 55, p. 211-228, 2015. DOI <https://doi.org/10.1590/S0103-21862015000100012>

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

HAONAT, A. I.; COSTA, E. A. N. O multiculturalismo e um novo olhar sobre o outro: a importância de se educar para a diversidade. **Revista Humanidades e Inovação**, Palmas, v. 7, n. 3, p. 50-58, 2020. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/1033>. Acesso em: 29 out. 2021.

IANNI, O. **Teorias da Globalização**. 9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). **Ofício das Baianas de Acarajé**. Livro de Registro dos Saberes. Brasília, 2004.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Técnicas de pesquisa**: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

LÉVI-STRAUSS, L. Patrimônio Imaterial e Diversidade Cultural: o novo decreto para a proteção dos bens imateriais. **Revista tempo brasileiro**, Rio de Janeiro, n. 147, p. 23-44, 2001.

LOEWE, M. A política do reconhecimento. *In*: LOEWE, M. **Multiculturalismo e direitos culturais**. Caxias do Sul: EdUCS, 2011.

LÓPEZ, A. M. M.; CUNHA, J. R. da; ARRUDA, R. A. de. O multiculturalismo e a Globalização. **Revista Eventos Pedagógicos**, Sinop, v. 3, n. 2, p. 301-307, 2012. Disponível em: <https://www.sumarios.org/artigo/o-multiculturalismo-e-globaliza%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 29 out. 2021.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. de. **Pesquisa em Educação**: Abordagens qualitativas. 1. ed. São Paulo: EPU, 1986.

MACIEL, M. E. Patrimônio, tradição e tradicionalismo: o caso do gauchismo, no Rio Grande do Sul. **Mneme**, Caicó, v. 7, n. 18, p. 439-460, 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/mneme/article/view/331/304>. Acesso em: 29 out. 2021.

MELO, A. V. Reafricanização e dessincretização do candomblé: movimentos de um mesmo processo. **Revista Antropológicas**, Recife, ano 12, v. 19, n. 2, 157-182, 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaantropologicas/article/view/23674>. Acesso em: 29 out. 2021.

MELO, M. P. Tupi or not Tupi? Entre modernismo, Tropicalismo e Pós-modernidade: breve ensaio sobre a identidade no Brasil. **Revista Brasileira de Direito Ambiental**, São Paulo, v. 15, p. 145-160, 2008. Disponível em:

<https://www.lexml.gov.br/urn/urn:lex:br:redes.virtual.bibliotecas:artigo.revista:2008;1000833569>. Acesso em: 29 out. 2021.

PEREIRA FILHO, G. A identidade do Brasil e do brasileiro. **Gestão e conhecimento**, Poços de Caldas, v. 2, n. 2, p. 1-10, 2006. Disponível em: <https://www.pucpcaldas.br/graduacao/administracao/revista/artigos/v2n2/v2n2a1.pdf>. Acesso em: 29 out. 2021.

PINTO, I. C. **Fandango do Paraná**. Curitiba: EdUFPR, 1992.

SANTOS, A. S. Resistências culturais como estratégias de defesa da identidade. *In*: IV ENECULT — Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, 4., 2008, Salvador. **Anais...** Salvador: Centro de Estudos Multidisciplinares em Cultura (CULT), 28-30 mai. 2008.

SANTOS, B. S. **Reconhecer para libertar**: os caminhos do cosmopolitismo multicultural. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

SANTOS, C. O. P.; PINTO, F. A.; BARCELLOS, V. G. Movimentos migratórios em tempos de globalização: hospitalidade x hostilidade. **Cadernos Prolam**, São Paulo, v. 17, n. 32, p. 102-113, 2018. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1676-6288.prolam.2018.146489>

SILVA, C. R. V. A influência da globalização nas manifestações culturais e o diálogo intercultural como uma genuína alternativa de respeito à diversidade e ao multiculturalismo. **Anuário brasileiro de direito internacional**, Belo Horizonte, v. 2, n. 9, p. 19-35, 2010. Disponível em: <https://www.corteidh.or.cr/tablas/r27209.pdf>. Acesso em: 29 out. 2021.

SILVA, T. T. (org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2012.

VALLE, U. Racionalização e monetarização: categorias da globalização. **Caderno CRH**, Salvador, v. 30, n. 80, p. 315-332, 2017. DOI <https://doi.org/10.9771/ccrh.v30i80.20048>

ZUCON, O.; BRAGA, G. G. **Introdução às culturas populares no Brasil**. Curitiba: Intersaberes, 2013.